

HABITAÇÃO DE INTERESSE SOCIAL NO ENTENDIMENTO DA FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO/UFPEL

GABRIELA PASQUALIN CAVALHEIRO¹; CLARISSA MARTINS NEUTZLING²;
OTÁVIO MARTINS PERES³; MAURÍCIO COUTO POLIDORI⁴

¹UFPEL, Acadêmica do curso de Arquitetura e Urbanismo – gabrielapasqualin@hotmail.com

²UFPEL, Acadêmica do curso de Arquitetura e Urbanismo – cla@neutz.com.br

³UFPEL, Professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo – mauricio.polidori@gmail.com.br

⁴UFPEL, Professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo – otmperes@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A função do habitar é um programa fundamental das cidades, pois articula fundamentalmente todos os demais espaços, como o comércio, a indústria, os institucionais e a vida pública. Inserida neste contexto, está o tema da habitação de interesse social (HIS), a qual corresponde por grande maioria da demanda habitacional no contexto brasileiro. Porém, O que é HIS? Onde ocorrem? Como se produz a HIS? E quais são as tipologias correspondentes? São questões básicas, que atualmente não é possível encontrar respostas diretas, tanto na bibliografia, quando nos ambientes acadêmicos.

Diante de um cenário de tamanha importância, porém de indefinição conceitual, a presente pesquisa procura desenvolver estas perguntas no contexto acadêmico da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPEL. Pretende-se através do contato com universitários e profissionais envolvidos e qualificados no assunto, obterem-se avanços na definição geral de um assunto tão amplo, abrangente e cheio de significados, que é a habitação de interesse social.

O objetivo principal dessa pesquisa está ligado à realização do Programa de Extensão “Cidade para todos, cultura digital e ambiente: compartilhando o espaço de Jaguarão, RS”, cujo um dos quatro subprojetos é elaborar um zoneamento urbano e ambiental integrado, identificando e hierarquizando as áreas indicadas para a urbanização, para habitação de interesse social e para a preservação ambiental. Nesse contexto, a presente pesquisa surge da necessidade de um maior envolvimento e entendimento conceitual por parte da equipe que irá trabalhar no Programa.

2. METODOLOGIA

O público alvo da pesquisa é a comunidade acadêmica da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, composta por discentes e docentes. Com os discentes a metodologia utilizada foi mais difusa, coletando informações mediante encontros casuais pela faculdade. O registro dessas informações foi através da escrita, com registros dos apontamentos individuais e difusos, os quais colaboram indiretamente à pesquisa.

Já a pesquisa realizada com os docentes procurou coletar informações de modo diversificado e o mais adequado ao perfil de cada entrevistado. Nestes casos, a coleta de informações ocorre de modo individualizado, um entrevistado por vez, sendo a coleta de informações realizada a partir de registros filmográficos, escritos ou por email. As entrevistas ocorrem de modo

semi-estruturado, partindo das quatro perguntas básicas: O que é HIS? Onde ocorrem? Como se produz a HIS? E quais são as tipologias correspondentes?

Nas entrevistas filmográficas as informações são transcritas, após o encontro, a partir do áudio do material. Nas entrevistas escritas são consideradas as informações mais relevantes. Ainda, no terceiro modo de abordagem, as questões são enviadas por email ao entrevistado, que dispõe de um tempo maior para elaborar e retornar com as respostas.

Dentre os métodos de abordagem é importante destacar vantagens e desvantagens. Destaca-se que, tanto na entrevista filmográfica, quanto na escrita, há um encontro físico entre entrevistado e entrevistador, o que facilita o entendimento das questões levantadas. Contudo, na abordagem através do método escrito há riscos de perda de dados na hora das anotações, o que não ocorre no registro filmográfico, uma vez que todo o encontro fica registrado. Ainda, o método virtual encontra seu maior entrave na dificuldade de obter-se retorno das respostas ou o longo tempo de retorno.

A pesquisa “Habitação de Interesse Social no entendimento da Faub” encontra-se em andamento, foi iniciada no dia 15 de maio desse ano, a partir uma entrevista com o bolsista de Pós-Doutorado do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Dr. André Carrasco. Neste caso foi utilizado registro filmográfico. Na sequência a pesquisa ocorreu com o retorno virtual da entrevista com a Professora Nirce Medvedovski e em um encontro pessoal com o Professor Rogério Gutierrez, com quem os registros escritos durante a entrevista foram entendidos como mais adequados. Vale citar que mesmo os docentes que ainda não foram entrevistados já houve um contato e indicação de bibliografias importantes que estarão nessa pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A “Habitação para população de baixa renda” ou a “Habitação de interesse Social”, como atualmente se chama é tema dessa pesquisa e serão construídos alguns conceitos sobre o tema a partir das entrevistas realizadas.

Em meados de 1940 houve uma grande migração da população rural rumo às cidades e com isso o aumento da população urbana e problemas sociais se tornaram mais evidentes, como: transportes, saúde, saneamento, segurança e habitação. O problema habitacional nas cidades merece destaque, pois pelo difícil acesso a casa própria, origina uma forma de segregação e exclusão para as camadas mais carentes da sociedade. Com isso surge a HIS como uma interpretação da não habitação, ou seja, uma resposta ao déficit habitacional de uma parcela da população e conseqüentemente o acesso a outros serviços (Carrasco, 2014). Já Gutierrez (2014) define o termo HIS, como nada mais do que uma habitação para as pessoas que não tem posse, de baixa renda, que indiferentemente da classe social cumpre a função de qualquer habitação, abrigar e proteger. Segundo Rodrigues morar é uma necessidade fundamental e em nenhum momento foram mencionadas classes sociais.

“De alguma maneira é preciso morar. No campo, na pequena cidade, na metrópole, morar como vestir, alimentar, é uma das necessidades básicas dos indivíduos. Historicamente mudam as características da habitação, no entanto é sempre preciso morar, pois

não é possível viver sem ocupar espaço”. (RODRIGUES, Moysés Arlete, 1988, p.11)

A moradia é um direito, se é direito, é universal, não só a habitação quanto à cidade, citou Carrasco (2014). Assim a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), em seu artigo 26, prevê que todos têm o direito a um padrão de vida adequado para sua saúde e bem-estar de sua família, incluindo a moradia. A habitação para população baixa renda vem para pensar em uma cidade menos desigual, onde o máximo possível de pessoas possa ter uma condição digna em relação à vida urbana. Além disso, ela deve ser vista com uma oferta necessária para a ascensão social das camadas mais pobres deste país, constatou Carrasco (2014). Segundo o entrevistado, infelizmente essas habitações estão, na maioria das vezes, localizadas em zonas impróprias da cidade: afastadas dos centros urbanos, em zonas alagadiças. Vale destacar que esse problema foi algo destacado entre todos os entrevistados.

Por outro lado, cabe destacar que, segundo Medvedowski (2014), os empreendimentos do PAR (Programa de Arrendamento Residencial) em Pelotas estão espalhados por todos os bairros da cidade. No entanto, os novos empreendimentos do “Minha Casa Minha Vida” se localizam na periferia, o que tem acarretado inúmeros problemas de acesso a serviços e infraestrutura aos moradores (Medvedovski, 2014).

A política habitacional para o interesse da população de menos posse no Brasil teve início no governo de Getúlio Vargas (1930-45), quando a questão habitacional ganhou destaque nas ações do poder público. Atualmente, cada Município tem autonomia sobre a política de HIS, que regulamentado é o Estatuto das Cidades, do qual gerencia as política urbana. (Carrasco, 2014). Entretanto, estamos vivendo uma fase, nesses últimos 10 anos, de vultosos investimentos em políticas públicas e urbanas no Brasil. Mas a falta de projeto é um empecilho para esse recurso chegar aos Municípios, às prefeituras dos municípios menores não tem quadros técnicos para elaborar projetos para receber recursos do Ministério das Cidades, então chegou a necessidade de liberar para a iniciativa privada (Carrasco, 2014). O “Minha Casa Minha Vida” é um programa em que há a incorporação de agentes privados na produção de habitação, o que é uma novidade problemática na opinião de Carrasco (2014). Quando o assunto é qualidade na produção da habitação, a privatização pode acarretar problemas, enquanto que quantidade e na operacionalidade podem aparecer vantagens.

Além disso, há outras possibilidades da HIS, como a urbanização de favelas, a reforma/recuperação de edifícios abandonados no centro da cidade e até mesmo a Política de Aluguel Social, esse é inutilizável aqui. No Brasil temos uma visão muito estreita dessas possibilidades, explica Carrasco (2014).

Nas tipologias dessas construções a homogeneidade nas soluções está presente com grande intensidade, sem analisar as possíveis formas de apropriação dos espaços da casa pelas pessoas que ali habitam. Então surgem problemas desde uma incompatibilidade com o núcleo familiar até com o nível urbano, com questões básicas do modo de vida. Carrasco (2014).

Atualmente há duas tipologias recorrentes na produção dessa habitação: os apartamentos e as casas, localizadas dentro de condomínios. Gutierrez (2014) acredita no desaparecimento das casas, em função do espaço que ocupam na cidade, apesar de proporcionar maior privacidade aos moradores.

Gutierrez indica que o ideal para a cidade é o prédio de quatro andares: não projetam grandes sombras, não é necessário o uso de elevadores e ainda não provocam grande impacto visual como aquelas “altas fitas verticais” feitas atualmente.

4. CONCLUSÕES

Ao entrevistar a comunidade acadêmica da FAUrb foi possível constituir um entendimento geral sobre um tema. Nas entrevistas diversos assuntos sobre HIS foram citados, desde abordagens mais abrangentes até especificidades sobre essa produção em Pelotas. Foi possível constatar uma abordagem relativamente semelhante entre os entrevistados, considerando que as perguntas eram as mesmas para todos, porém as interpretações e os enfoques resultaram em abordagens distintas.

Por estar tratando de um assunto amplo e cheio de significados houve diversos entendimentos a partir dos entrevistados. Carrasco (2014) por ter sido o primeiro dos entrevistados procurou familiarizar os entrevistados no assunto explicando desde questões políticas até um breve histórico desse tipo de habitação no Mundo. Medvedovski (2014) tratou das questões da cidade de Pelotas, local o qual é o seu foco de trabalho. Já Gutierrez (2014) se deteve as significados mais amplos e gerais da Habitação de Interesse Social.

A homogeneidade nas soluções, a inadequada localização dos condomínios e a falta de flexibilidade das novas unidades são outros problemas recorrentes encontrados na maioria dos projetos atuais. Além disso, foi possível definir o momento atual da HIS no Brasil, um momento de hibridismos: temos uma produção pública, com um componente privado muito forte. A partir daí surgem os problemas na qualidade da produção. Contudo, a pesquisa está em desenvolvimento, sendo a sua continuidade e avanços de suma importância para a comunidade acadêmica da FAUrb e futuros estudos aplicados pelo Programa de Extensão na cidade de Jaguarão.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RODRIGUES, Arlete Moysés. **Moradia nas Cidades Brasileiras**. São Paulo: Editora Contexto, 1988.

BENETTI, Pablo Cesar. **Habitação Social e Cidade: Desafios para o ensino de projeto**. Rio de Janeiro: Rio Book's, 2012.

MARRA, Cardoso Natalia. **Políticas públicas de habitação e a efetivação do direito social e fundamental à moradia**. Publicado nos Anais do XIX Encontro Nacional do CONPEDI realizado em Fortaleza – CE, p. 6352-6370, 2010.

SANTOS, João Henrique. **MORADIA POPULAR EM CAMPINAS: um estudo do Conjunto Habitacional**. Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Geografia – PUC, Campinas-SP, p 35-47, 2008.

LIMA, Brito Zélia. **A Questão da Habitação**. Pesquisa da graduanda pela a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

CARRASCO, André. **Transcrição da entrevista realizada em 15 de maio, registrada em Filme**. Texto não publicado 2014.

Medvedovski, Nirce. **Transcrição da entrevista realizada em 24 de agosto, registrada em Filme**. Texto não publicado 2014.